



DE OLHO NELA

«Esta história
desconstrói a ideia
de que as mulheres XL
não podem ser elegantes,
populares ou bem-sucedidas.»

O, *The Oprah Magazine*

Kate
Stayman-
London

TOP
SEL
LER

«Mas o amor é cego, e os amantes não conseguem ver
as belas loucuras que também eles cometem.»

WILLIAM SHAKESPEARE

«Já todos levámos com os pés. Já todos nos apaixonámos
pelo rapaz ou rapariga errada. Já todos cometemos erros.

Mas, no final, todos queremos a mesma coisa.»

CHRIS HARRISON

PRÓLOGO

Paris, França

Dez anos antes

A feira da ladra de Clignancourt situava-se no limite norte da cidade, alguns quarteirões depois da última paragem da linha do metro número 4, onde a arquitetura parisiense se tornava mais simples, mais mundana — uma recordação de que nem toda a cidade estava mergulhada em séculos de história e de romantismo. Parte dela era apenas um local onde as pessoas iam trabalhar, levavam os filhos à escola e compravam o pão em supermercados simples e antigos, em vez de padarias elegantes.

Bea decidira ir à feira da ladra em busca de presentes para a família — talvez umas rendas para a mãe, ou uns discos antigos para o irmão, Duncan —, mas também esperava encontrar algumas gravuras para si, ou, ainda melhor, livros infantis com ilustrações feitas à mão para ler com o padrasto ao sobrinho bebé. As amigas do programa de intercâmbio tinham-lhe falado, delirantes, dos achados que se podiam encontrar nas feiras da ladra, pelo que Bea achou que valia a pena a viagem, ainda que não tivesse qualquer intenção de comprar as elegantes roupas *vintage* que elas lhe haviam mostrado. Já era difícil para ela ir às compras nos Estados Unidos, quanto mais em Paris, onde era quase impensável ver uma mulher na rua que não pudesse ser descrita como «delicada».

Após anos de prática, Bea julgara dominar a arte de, apesar de robusta, conseguir ser invisível — as roupas escuras e largas, os modos

calmos, o olhar baixo. Quando entrou para a UCLA e deu por si rodeada de californianas esguias e tonificadas, temeu destacar-se como uma mancha bulbosa numa tez hialina, mas a cultura de egocentrismo obsessivo de Los Angeles tornou mais fácil do que esperara passar despercebida.

Em Paris, contudo, sentia olhos fixos em si onde quer que fosse. A cidade era tão bonita — o local que Bea mais gostara de visitar —, mas ela não conseguia afastar a sensação de que toda a população reparava em si, a julgava, desejando, silenciosamente, que ela partisse. Empregados de mesa e livreiros em cafés e lojas apinhados, as passagens estreitas entre as mesas repletas de louças e talheres, Bea a avançar cuidadosamente de lado para evitar virar o prato de pão com chocolate de alguém, a salivar ao som dos bolos estaladiços amanteigados com que os parisienses magérrimos se deliciavam todas as manhãs sem pensar duas vezes. Sempre que ela entrava numa pastelaria para pedir algo, havia ondas de olhares de soslaio, e até ocasionais olhares fixos arrojados, a acusação sempre implícita: *Tens esse aspeto por culpa tua.*

Era mais fácil quando se afastava do centro da cidade e penetrava nos bairros de maior diversidade junto ao canal, onde as ruas se tornavam mais amplas e o ritmo mais lento, onde grupos de estudantes riam e bebiam vinho em copos de papel, sentados em grandes blocos de betão junto à água. Clignancourt era assim, pensou Bea ao percorrer os poucos quarteirões entre a estação do metro e a feira da ladra, cruzando-se com pessoas apressadas, demasiado concentradas nas suas próprias vidas para lhe lançarem olhares de desdém.

Dali, Bea não conseguia perceber como seria a feira da ladra — à medida que ia percorrendo o quarteirão, avistava apenas as costas das bancas, escuras placas de contraplacado ou de pladur, e começou a sentir-se cética quanto à possibilidade de aquele mercado ser tão extraordinário quanto as amigas lhe haviam assegurado. Porém, assim que encontrou a entrada, compreendeu: era como atravessar o espelho de Alice e entrar num local absolutamente diferente, onde tudo era maravilhoso e estranho.

O mercado era um labirinto, com caminhos que se cruzavam em diagonais aleatórias — para onde quer que Bea seguisse, parecia nunca passar duas vezes pelas mesmas bancas, cada nova viela a revelar incontáveis recipientes repletos de maçanetas de bronze e paredes repletas de antigos quadros a óleo e rolos de fitas de seda. As bancas não pareciam improvisadas: algumas estavam cobertas de hera ou de fios de luzes, outras tinham paredes de estuque e prateleiras de madeira repletas de livros encadernados a couro, de tal forma empoeirados que pareciam estar ali há décadas. Ao percorrer os corredores do mercado, Bea foi invadida por uma sensação de pertença que nunca havia sentido em Paris. Ou talvez, pensou, tudo o que via fosse tão encantador e bizarro que nada nem ninguém poderia sentir-se deslocado.

Sem que Bea se tivesse apercebido de o tempo passar, o sol começara a pôr-se, pelo que ela se dirigiu à saída da feira, enquanto os proprietários fechavam as bancas. Não se detivera junto de um único vendedor de roupa, mas, perto da saída, uma banca prendeu-lhe a atenção: estava repleta exclusivamente de capas — cabides e cabides de pesados brocados, peles macias e sedas bordadas.

Bea lançou-lhe um olhar de soslaio, carregado de desejo, embora inútil. Tinha a certeza de que capa alguma naquele local seria suficientemente grande para si; que, em vez de a encapsular em luxo, as capas penderiam das suas costas como uma criança que brinca aos super-heróis com uma toalha de praia presa ao pescoço. A lojista, uma mulher magra, de aspeto andrógino, na casa dos 60 anos, com uns óculos pretos demasiado grandes, viu-a a olhar e avançou na sua direção.

— *Vous désirez?* — perguntou, com um rápido movimento da sobancelha. A voz era profunda e rouca.

— *Non* — respondeu Bea, no seu sotaque pastoso. — *Merci*.

— Ah, americana. — A mulher saltou de imediato para inglês: os parisienses faziam-no sempre. — Como se chama?

— Beatrice — Bea pronunciou-o à francesa, *Be-a-trize* —, mas todos me tratam por Bea.

— *Enchantée*, Bea. Sou a Jeanne. — Jeanne pegou-lhe na mão e apertou-a com firmeza. Bea sentiu um carinho imediato; cheirava a vinho com especiarias. — Diz-me, Bea, quem é a mulher cujo estilo mais admiras?

A mente de Bea saltou de imediato para os filmes a preto-e-branco que passara horas a ver em miúda, na televisão da sala. Frequentara algumas aulas de cinema na UCLA, e ficara encantada por descobrir que Paris tinha dezenas de cinemas de sala única, com pequenos bilhetes de papel e assentos de veludo vermelho, que passavam filmes americanos clássicos (com legendas em francês, claro) todas as noites. Bea frequentava estes cinemas sempre que podia, deleitando-se com a fuga que encontrava nas estrelas elegantes e nos diálogos vertiginosos. Enquanto pensava na pergunta de Jeanne, ia considerando as diferentes atrizes que reverenciava. Jamais poderia ser delicada como Audrey Hepburn, ou escultural como Katharine. Nas suas mais loucas fantasias, imaginava-se como uma *femme fatale* do cinema *noir* — uma mistura de suavidade e de dureza, de perigo e de intensa vulnerabilidade. Na sua opinião, havia uma atriz cujo estilo encarnava esse ideal mais do que qualquer outra, que combinava sem esforço as rendas e as sedas sensuais com óculos de sol angulares e casacos de ombros retilíneos.

— Talvez seja tolo — disse Bea, baixando a cabeça —, mas acho que escolheria a Barbara Stanwyck.

Jeanne sorriu com um ar conhecedor, o seu rosto enrugado numa expressão agradável.

— *D'accord... Un moment.*

Desapareceu por entre os suportes de cabides, seguindo-se um momento de agitação, o som de cabides a deslizar, até emergir com uma capa comprida de veludo macio, num verde-floresta. Tinha um capuz debruado a seda e um fecho no pescoço com uma prega-deira de prata em forma de lírios-do-vale e pérolas de água doce a representar as flores.

— Oh — sussurrou Bea, enquanto Jeanne lhe envolvia os ombros com a capa, o tecido caindo numa suave cascata.

Jeanne conduziu-a a um espelho de corpo inteiro, tornado turvo pelo tempo. Bea sentiu um forte aperto no peito — era como olhar para uma estranha cheia de *glamour*. Nunca tivera um vestido de cerimónia, não fora ao baile de finalistas, convencera os pais a deixarem-na usar calças de ganga durante a cerimónia de finalista (argumentando que a capa e a túnica a fariam parecer uma tenda bordeaux) e enfiara-se, com relutância, numa série de horrendos vestidos de dama de honor para os casamentos dos irmãos. Nunca, em toda a sua vida, uma peça de roupa a fizera sentir assim.

— Quanto custa? — ouviu-se a perguntar, com a voz embargada e fraca.

— São 200 euros — respondeu Jeanne. Apercebendo-se da expressão de pânico no rosto de Bea, acrescentou gentilmente: — Quanto é que tens?

Bea abriu a carteira: tinha 40 euros e alguns trocos, o que correspondia ao montante para comer na semana seguinte. Já havia gasto tanto no mercado, e o cartão de crédito dos pais servia apenas para emergências. Aqueles 200 euros eram uma soma impensável.

— Lamento — sussurrou Bea. Levou a mão ao peito para tirar a capa, mas Jeanne impediu-a.

— Talvez possamos fazer um acordo — disse.

Bea não compreendeu.

— Um acordo?

— Eu ofereço-te a capa e, em troca, irás usá-la por toda a cidade e falarás da minha banca a toda a gente, sim?

— O quê? Não, não poderia aceitar...

— *Bien sûr*. Claro que podes. — Jeanne fez deslizar habilmente a capa dos ombros de Bea e retirou a etiqueta escrita à mão. — Queres um saco ou leva-la já vestida?

O rosto de Bea corou e ela baixou a cabeça.

— Não compreendo porque está a fazer isto — balbuciou.

Jeanne pousou ternamente a capa sobre os ombros de Bea.

— A maneira como te vestes, a tua postura... Acho que talvez te estejas a esconder — observou ela, baixinho. — Mas com esta capa?

Bea ergueu os olhos para a mulher.

— Com esta capa, o quê?

Os lábios de Jeanne curvaram-se nos cantos, numa levíssima sugestão de um sorriso.

— Não poderás passar despercebida.

ACORDO

Los Angeles, Califórnia

DE OLHO NELA: **BLOGGER DE MODA BEA SCHUMACHER**

por Toni Santo, TheCut.com

A Internet ficou ao rubro esta semana quando a estrela *pop* Trish Kelly publicou no *Twitter* que vários designers se recusaram a vesti-la para os Grammys — por vestir o 38! Bea Schumacher está bem familiarizada com este problema: com mais de um milhão de seguidores no *Instagram* e um blogue (OMBea.com, um trocadilho com OMG) com milhões de visitantes por mês, Bea é uma das *bloggers* de moda mais populares — mas, sendo uma mulher XL, quase nenhum dos grandes estilistas faz roupas que lhe sirvam.

Na edição desta semana de «De Olho Nela», conversámos com Schumacher acerca da sua carreira de sucesso, da sua invejável agenda repleta de viagens, e sobre dicas escaldantes para conquistar a passadeira vermelha, independentemente do tamanho que se veste:

TS: Como se lançou como *blogger* de moda? Sempre gostou de moda?

Bea: [*risos*] Céus, não! Quando andava no secundário, só usava preto, calças largas e t-shirts e camisolas largas. Não me queria destacar, nem sequer queria que olhassem para mim.

TS: Quando é que isso mudou?

Bea: No meu terceiro ano da faculdade, passei um semestre em Paris — foi aí que começou o meu vício pela moda. Estava completamente falida na altura, e tinha passado o semestre a vasculhar as lojas *vintage*, em busca de preciosidades. Encontrei tantas coisas fantásticas que as minhas amigas me encorajaram a escrever um blogue acerca delas, um pequeno diário de moda em viagem. A minha melhor amiga no programa de intercâmbio estava a fazer uma licenciatura em Fotografia, e tirou fotografias minhas em vestidos esvoaçantes e chapéus de abas largas, a beber vinho junto ao Sena. Eu não percebia nada sobre como lançar um site, por isso optei por um blogue pré-formatado no *Tumblr* — foi assim que começou a primeira versão do *OMBea*. Ao início, limitei-me a partilhar fotografias, mas depois comecei a escrever cada vez mais sobre a minha vida e os desafios de procurar roupas fantásticas para uma mulher XL. Tornou-se um escape muito importante, em especial após ter regressado a Los Angeles, com os seus padrões de beleza absolutamente monolíticos.

TS: O blogue teve sucesso imediato?

Bea: Nem pensar! Nos primeiros tempos, destinava-se apenas a pessoas minhas conhecidas. Depois da faculdade, arranjei emprego numa agência de Hollywood. Considerava vir a trabalhar como estilista de filmes e de programas de televisão, e parecia-me uma boa maneira de ficar a conhecer os meandros do setor. Trabalhava como assistente, e uma das clientes do meu chefe era uma atriz muito famosa que gostava sempre das minhas roupas. Começámos a falar acerca do meu blogue, e ela referiu-o num *tweet* — foi então que as coisas explodiram a sério. Ganhei toneladas de novos seguidores e comecei a ser incluída nas listas dos blogues a seguir, coisas assim. Quando o número de leitores começou a crescer, deitei mãos à obra para encontrar patrocinadores e anunciantes.

- TS:** Tudo isso enquanto trabalhava a tempo inteiro?
- Bea:** Sim. Foi de loucos. Mas, depois de um ano de trabalho árduo, foi verdadeiramente recompensador: pude deixar o meu trabalho como assistente e tornar-me *blogger* a tempo inteiro, e nunca mais olhei para trás. Tem sido mais divertido do que alguma vez poderia imaginar.
- TS:** Conte-nos mais! Como é um dia típico na vida da *blogger* Bea Schumacher?
- Bea:** É sempre diferente, essa é uma das coisas que adoro em relação ao meu trabalho. Posso ter de me reunir com uma marca que confeciona roupas de tamanhos grandes para uma possível colaboração, ou ter de viajar para comparecer a uma festa de moda em Londres ou em Nova Iorque, ou ter de fazer uma sessão fotográfica no jardim das traseiras para mostrar aos meus leitores os novos visuais que estou a preparar para o verão.
- TS:** Mas não escreve apenas sobre roupas, também escreve sobre a experiência de ser uma mulher XL que adora moda.
- Bea:** Acho que seria desonesto não o fazer. Só muito recentemente é que várias empresas começaram a fazer roupas que me servissem — e, em particular no que diz respeito aos estilistas de maior qualidade, muitas marcas que alegam disponibilizar roupas de «tamanhos grandes» só vão até ao 46. Algo que acho ridículo, dado que o 46 é, no fundo, a *média* das mulheres nos Estados Unidos. Dentro da comunidade XL, sou «meio-gorda», pelo que ainda tenho muitos privilégios relativamente a encontrar opções de roupa. É bastante mais difícil para mulheres poucos números acima do meu, algo enfurecedor, para não dizer tolo, de um ponto de vista empresarial. Apetece-me abanar os estilistas e dizer-lhes: «Vocês odeiam tanto as mulheres gordas que estão dispostos a excluir dois terços dos vossos potenciais clientes? Acham mesmo os nossos corpos tão pouco merecedores de usar as vossas roupas?» Mas a dura realidade é que muitas pessoas

do mundo da moda preferiam, de facto, que eu não fizesse parte dele. E acho que muitas mulheres XL se sentem assim no seu dia a dia. Para nós, algo tão simples quanto partilhar uma *selfie* com a roupa do dia é uma ação política. E temos de viver com todas as pessoas que se sentem no direito de tecer comentários acerca dos nossos corpos, de nos dizer que somos feias, ou doentes, ou grotescas.

TS: As pessoas dizem-lhe mesmo isso?

Bea: No meu blogue, e nos comentários no *Instagram* e no *Twitter*? A toda a hora! Há tantas pessoas com um ódio visceral pelas mulheres sob escrutínio público — em especial as mulheres que têm a ousadia de não se conformarem com os padrões de beleza convencionais —, e, nas redes sociais, podem descarregar a sua hostilidade diretamente sobre as nossas referências. Quem me dera poder dizer que nunca me afeta, mas, por vezes, afeta. Dói ouvir estranhos a fazerem eco das piores coisas que alguma vez pensei sobre mim mesma. Mas adoro o mundo da moda porque tem o poder de me fazer sentir forte e bonita. O mesmo digo em relação aos meus amigos mais próximos e à minha maravilhosa comunidade de leitores.

TS: Então, e o amor? Há alguém especial que a faça sentir-se particularmente bela?

Bea: Neste momento, não. A minha agenda é francamente caótica, e não tenho tido tempo ou energia para investir na descoberta de uma relação séria. Mas, quem sabe, talvez em breve.



TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 9 DE JUNHO: BEA SCHUMACHER E RAY MORETTI

Ray [9:48]: Adivinha... o que... tenho.

Bea [9:53]: Uma nave espacial. Dez rubis. Oh, meu Deus, é um pónei????

Ray [9:54]: Não, melhor do que todas essas coisas.

Ray [9:55]: Tenho em minha posse... um bilhete de avião para Los Angeles.

Bea [9:56]: 😊 😊 😊

Bea [9:56]: A sério?! Não te vejo há tanto tempo que já nem me lembro da tua cara!

Ray [9:57]: Au. (Tens razão, estava a merecê-lo)

Ray [9:57]: Mas sim! Chego no dia 4 de julho, à tarde, e depois passo a noite em tua casa (se puder ser?) antes de partir para San Diego na manhã seguinte para a festa de aniversário dos pais da Sarah. Pode ser assim?

Bea [9:58]: Claro! Queres que veja com a malta da agência quem está disponível?

Ray [9:59]: É contigo, mas eu preferia pôr a conversa em dia contigo a ter de dividir a atenção com um grupo inteiro.

Ray [10:00]: Sei que tinha de me mudar para Atlanta para «apoiar a carreira da minha noiva» ou seja lá o que for, mas odeio estar tão longe de ti, Bea.

Ray [10:00]: Tenho mesmo saudades tuas.

Bea [10:04]: Também tenho saudades tuas.



Bea insistia que não estava nervosa com a vinda de Ray, mas os seus constantes suspiros profundos (o ar a silvar por entre os dentes, expelido em seguida pelos lábios num «ooh» digno de Lamaze), enquanto suportava o trânsito da A10, contavam outra história. Garantia a si mesma que era agora uma pessoa diferente da rapariga que passara todos aqueles anos obcecada com ele, a tímida assistente de uma agência de Hollywood, apaixonada pelo tipo mais giro do seu departamento de correspondência.

Que cliché intolerável!, pensou Bea acerca de si mesma mais jovem, enquanto saía da autoestrada para as serpenteantes ruas endinheiradas de Westwood, onde pitorescas casas de estilo Tudor, que

pareciam retiradas de um conto dos irmãos Grimm, se alinhavam em cada quarteirão. Preferia estar no seu bairro multicultural, na zona este de Los Angeles, mas a sua loja de vinhos preferida ficava ali, a quase uma hora de distância no meio do trânsito. Para aquela noite com Ray (por muito que fingisse que não era importante), sabia que tinha de ali ir.

Era fácil não reparar na Les Caves, com a sua tabuleta discreta e a parede tosca de madeira, e ainda mais fácil de a ignorar quando se espreitava rapidamente para o interior e se viam as mesas dispersas, cobertas de aglomerados desorganizados de garrafas. Porém, Bea adorava aquele espaço: adorava conversar, no seu francês macarrónico, com os donos da loja, adorava deliciar-se com os vinhos excêntricos que eles reservavam para si, *Meuniers* que lhe deixavam a boca abrasadoramente seca e *Savennières* fortemente melifluos.

— *Bea, bon matin!* — Paul, que detinha a loja com a sua mulher, era um homem rechonchudo e efervescente. Bea costumava dizer-lhe, na brincadeira, que Paul a havia transformado numa *snob* insuportável no que dizia respeito aos vinhos, mas ele ria-se sempre, bem-humorado, e corrigia-a, declarando que ela se devia orgulhar de ser uma *connoisseur*.

— *Bonjour, Paul* — respondeu Bea, com um sorriso.

— *Et qu'est-ce que tu désires aujourd'hui?* — perguntou ele. — Talvez algo muito leve, seco, frutado e mineral? Está tanto calor!

— *C'est vrai* — concordou Bea. Los Angeles estava a passar pela sua anual onda de calor de julho, os poucos dias do ano em que, até à noite, a temperatura quase não descia abaixo dos 30 graus, tornando a cidade insuportável.

Também estava assim na noite em que Ray a beijara. Aquela noite perfeita e aterrorizante, cinco anos antes, em que ele cambaleara, embriagado, pelo passeio em frente ao Chateau Marmont, a respiração rançosa, com hálito a tabaco e a whisky, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, ao contar a Bea que a mãe estava de novo doente, desta vez talvez de forma terminal. Ele envolvera o pescoço dela com os braços e sussurrara: «Não consigo fazer isto sem ti.» E ela respondera:

«Não tens de o fazer», sem perceber bem se ele se referia à sua amizade ou a algo mais.

Após aquelas incontáveis noites a beberem juntos, a partilharem segredos murmurados e observações sussurradas, a sentir-se tão faminta de uma proximidade física com ele, refreando as náuseas ao vê-lo a seduzir e a beijar mais uma belíssima aspirante a atriz/modelo/cantora e a partir com ela de um qualquer bar em que se encontrassem, ele estava finalmente — *finalmente* — a olhar para Bea.

Estava demasiado calor, deixando tudo húmido, e ela sabia que aquilo era um erro, quando ele se inclinara para a beijar — ele estava demasiado perturbado, demasiado embriagado, demasiado distraído. Porém, Bea não quisera saber, porque já o desejava há tanto tempo, e sentia que tinha conseguido, de algum modo, forçar a vida a seguir pelo caminho certo graças, tão-só, à sua força de vontade.

Depois do beijo, esperara que ele dissesse algo profundo — algo sincero, no mínimo —, mas ele limitara-se a balbuciar que precisava de chamar um táxi, que tinha um voo cedo.

«Oh», murmurara Bea. «Certo. Claro.»

Ray viajara para o Minnesota na manhã seguinte. Só deveria estar ausente alguns dias, talvez algumas semanas, mas não voltou mais, a não ser para fazer as malas e partir para leste. Passou os meses seguintes em casa com a família, a ver a mãe a morrer. Depois, mudou-se para a Virginia, para frequentar a faculdade de Direito. Depois disso, partiu para uma empresa chique em Nova Iorque, onde conheceu a atual namorada, Sarah, e seguiu-a para Atlanta, quando ela conseguiu uma muito desejada promoção. Foi lá que ficaram noivos.

E, de algum modo, Bea continuava a não acreditar em nada disso, como se os últimos oito anos da sua vida se tivessem passado numa espécie de estase. Três anos a conviver com Ray, a sonhar com Ray, a desejar Ray, a acreditar profundamente que ele sentia o mesmo. Uma noite de confirmação deliciosa, agonizante. Cinco anos a perguntar-se se alguma parte disso fora real.

Bea saíra com outros homens entretanto, claro, mas nunca sentira a mesma centelha — ninguém tão belo como uma estrela de cinema,

tão silenciosamente divertido, tão absolutamente cativante. De todos os encontros, proporcionados através de aplicações e arranjados por amigos, nenhum outro homem tinha aquele cabelo espesso e escuro e aqueles olhos ardentes de Marlon Brando. Nenhum outro transmitia a todo o seu corpo uma sensação de fraqueza ao deslizar o dedo pelo seu braço.

Fosse como fosse, Bea estava mais preocupada com outros aspectos da sua vida — a carreira, os amigos, as viagens, a família — e não se importava de esperar até encontrar um outro amor tão apaixonado e entusiasmante como o que sentira por Ray. Tinha a certeza de que acabaria por ocorrer. E, entretanto... bem, entretanto... seria assim tão mau viver nas suas recordações? Nas suas fantasias?

Agora, contudo, não era uma memória ou uma fantasia: Ray estava num avião naquele preciso momento, provavelmente algures sobre o Midwest, a acelerar em direção a Los Angeles para passar uma noite no quarto de hóspedes de Bea, antes de apanhar o comboio para San Diego, na manhã seguinte, para uma espécie de fim de semana de aniversário dos pais da noiva. Bea e Ray já não se viam há mais de um ano, desde um encontro afetado num bar apinhado (com Sarah a reboque, ainda para mais) durante uma das viagens-relâmpago de Bea para a Semana da Moda de Nova Iorque. Havia muito barulho, Bea estava exausta, Ray estava mal-humorado. Porém, esta noite poderia ser diferente — só os dois, sem ruído. Uma oportunidade para reacender a ligação de que Bea sentia desesperadamente tanta falta.

— Não. — Bea abanou a cabeça quando Paul apresentou uma das garrafas que ela costumava levar, um vinho branco seco de 12 dólares. — Para esta noite, preciso de algo especial.

Três horas mais tarde, Bea caminhava, para trás e para a frente, sobre as tábuas irregulares do seu *bungalow* em Elysian Heights, uma frágil casinha arrendada, precariamente empoleirada numa encosta sobranceira a Elysian Park. O edifício estava repleto de frinchas e de rachas nos pontos onde as torneiras haviam enferrujado, e as portas não tinham o comprimento devido, mas Bea gostava

ainda mais daquele espaço por isso. Preferia francamente uma estética acolhedora e colorida a algo demasiado moderno ou organizado — que, aos seus olhos, tinha falta de carácter.

Agora, contudo, com Ray num táxi a poucos minutos de distância, começou a ver a casa através dos olhos dele: não artística, mas grosseira; não acolhedora, mas deplorável. Alisou a saia comprida do seu vestido preto de verão com corpete (a que chamara afetuosamente «conjunto de leiteira gótica atrevida» por causa do decote que descia dos ombros e revelava o início dos seios de proporções Oktoberfest) e perguntou-se se ele a veria da mesma maneira.

— Isto é uma idiotice! — murmurou Bea, detendo-se em frente ao pequeno espelho para despentear, uma vez mais, as ondulações meticulosamente tratadas do seu cabelo, quase tão escuro quanto o *eyeliner khol* que aplicara na perfeição e que tornava elétricos os seus olhos azuis. Sugou a respiração: ele era apenas um amigo; era apenas Ray, e estava apenas de visita. O facto de ele ir ali não significava nada — tal como, provavelmente, o beijo que haviam trocado, toda a sua história, tudo. Era tudo imaginação sua, como habitualmente.

Porém, no instante em que abriu a porta e ele lançou os braços à sua volta, Bea soube que estava enganada.

— Bea! — Ele exalou, deixando cair o saco no chão com um baque surdo, para a poder abraçar por inteiro com os dois braços, apertando-a com força contra si.

— Olá, desaparecido. — Bea sorriu-lhe, e, Deus do céu, ele estava igual, o nariz retilíneo, os lábios macios e aqueles olhos que bebiam cada centímetro dela, aquele olhar faminto que sempre a fizera corar.

— Senti a tua falta. — Ray apertou-a ao de leve, inclinando-se para lhe beijar a testa com suavidade.

— Estive sempre aqui — retorquiou ela, surpreendendo-se com o tom cortante da sua voz.

— Tens razão. — Ele tomou-lhe a mão. — Sou um idiota. Devia vir visitar-te mais vezes.

— Bem, estás aqui agora — respondeu Bea, baixinho.

— E tu estás... feliz com isso? — O olhar dele fixou-se no dela, não lhe permitindo fugir ao subtexto.

— Vá lá, Ray... — objetou Bea. — Sabes que sim.

— Então? — Ele moveu o corpo contra o dela, dando-lhe um pequeno empurrão. — O que é que um tipo tem de fazer para ter direito a uma visita guiada?

— Oh, meu Deus, nunca aqui estiveste! Que estranho, não é?

— Inacreditavelmente estranho. — Ele sorriu. — Mais estranho do que aquele espetáculo de improviso na cave daquela casa de frangos na Sunset.

— Deviam ter-lhe chamado «o espetáculo de improviso da noite mais longa das nossas vidas» — brincou Bea, e Ray deu uma gargalhada de concordância. — Então, esta é a sala. Gostas?

Ray vagueou pela divisão aconchegante, observando todos os tesouros das viagens de Bea que preenchiam cada superfície disponível — um elefante esculpido em madeira de Siem Reap, uma jarra vidrada à mão de Nova Orleães, o cartão de membro do LACMA plastificado. Ray pegou numa estatueta de vidro que Bea descobrira em Paris, virando-a nas mãos.

— Compraste isto quando estavas na faculdade, não foi? Naquela feira da ladra que adoravas? Tinha-la na tua secretária na agência.

— Boa memória — observou Bea, a sua voz subitamente marcada pela emoção.

— Esta casa é espantosa! — Ray abanou a cabeça. — Devias ver o apartamento de pesadelo que temos em Atlanta: tudo brilhante e novo como uma perfeita prisão saída de um programa de remodelações. Uma metáfora bastante boa, se pensarmos nisso.

Bea não sabia ao certo o que responder — ou se deveria sequer responder.

— Hum, queres beber alguma coisa? — arriscou. — Tenho um *rosé* no frio.

— Seria ótimo. — Ray deixou que os seus dedos deslizassem nos dela, e Bea apercebeu-se de que *aquilo* é que era uma idiotice: julgar que o tinha esquecido minimamente.

Tinham planeado juntarem-se a uma festa no terraço do *loft* de uns amigos de Bea, no centro da cidade, mas Ray queria tomar um duche primeiro. Assim, depois do vinho, Bea aguardou no sofá, ouvindo a água a correr e tentando afastar da mente, à força, visões do corpo nu de Ray envolto numa das fofas toalhas brancas que lhe deixara. Sentiu um arrepio a subir-lhe pelas costas — ou talvez fosse apenas o ar condicionado a arrancar.

— Sinto-me um ser humano renovado — comentou Ray, ao regressar à sala.

Era injusto — indecente, até — a sua espantosa aparência, com uns calções cáqui e uma suave camisa branca de linho. O cabelo preto, a pele húmida, como o raio do James Bond a sair de um iate e a avançar pelas águas até à praia.

— Sujidade de avião — obrigou-se Bea a proferir, a voz uma oitava mais alta do que o normal. — Não há pior!

— Tens a certeza de que queres ir a esta festa? — Ele deixou-se cair no sofá ao lado dela, o braço tocando-lhe casualmente. Permaneceram os dois um pouco imóveis demais, como se ambos se tivessem apercebido do contacto, mas não fizessem ideia de como reagir.

— Oh, hum... — balbuciou Bea. — Não querias sair?

Ray encolheu os ombros.

— Não sei. Podíamos ficar só por aqui. Se quisesse.

Ele estava a sugerir... o quê? Nada? Qualquer coisa? *Alguma coisa?*

Bea precisava de sair daquela casa. Estar ali com Ray estava a deixá-la paranoica, tão desesperada pela sua atenção que já lia uma lubricidade imaginada em cada frase inócua.

— Os meus amigos estão a contar connosco. — Ela saltou do sofá e agarrou no telefone para chamar um táxi. — Vai ser divertido, prometo.

— Se consegues suportar o calor, suponho que também conseguirei. — Ray levantou-se, bem-humorado.

Bea quase exalou audivelmente. Ele só queria evitar o calor! Não queria ficar a sós...

Comigo. Obrigou-se a terminar o pensamento. *Não queria ficar a sós comigo.*

Bem, ótimo. Ele estava noivo de outra mulher. Não poderia acontecer nada, mesmo que ele a desejasse. Mas não desejava. Por isso, caso encerrado.

Tocou no botão para confirmar o táxi. O motorista chegaria dentro de sete minutos.

O ambiente da festa estava ligeiramente desagradável: todos estavam um pouco ébrios demais, com muito calor. Os comentários sarcásticos, que normalmente seriam recebidos como gracejos leves, eram entendidos como demasiado rabugentos, os humores soavam carregados e grosseiros, sob o calor que pairava sobriamente, mesmo depois de o sol se pôr.

— Quem é *este* bebedor de água alto? — perguntou um dos amigos de Bea, Mark, com um olhar lúbrico.

— É o Ray, e é hétero — ripostou Bea.

— Mas não sou conservador — interveio Ray, piscando o olho, sedutor, como era com toda a gente, fazendo com que qualquer pessoa se sentisse especial, quando, na verdade, ninguém o era.

— Desculpem, preciso de outra bebida. — Bea revirou os olhos e afastou-se para encher novamente o seu copo de ponche. Porque é que quisera ir àquela festa? Porque é que quisera ver Ray, para começar? Após tantos anos a sentir a sua falta, achara que vê-lo seria agradável, mas era horrível. Como um lembrete intensamente doloroso de quanto ainda o desejava, e de que ele nunca, jamais, seria seu.

— Então, estás bem? — Ray aproximou-se dela por trás, pousando-lhe a mão na cintura. Bea afastou-se com um salto, perante aquele contacto demasiado próximo, demasiado íntimo.

— Não faças isso — censurou.

Mas ele voltou a agarrá-la.

— Diz-me o que te está a incomodar.

Por cima deles, soou o primeiro disparo do fogo de artifício, explosões de verde e de dourado, e, em redor, arquejos elogiosos, enquanto todos erguiam os olhos para o céu. Mas não Ray. Os seus olhos permaneceram fixos em Bea.

— Está tudo bem — insistiu ela. — Eu estou bem.

— Não me mintas — retorquiu ele, com firmeza, embora transparecendo uma nota de desespero. — Eu sei que não estás bem. Bea, eu também não estou.

Estalos e explosões ecoavam à sua volta, vermelhas, azuis e prateadas, enquanto Ray envolvia os pulsos dela com os dedos.

— Bea...

Ela abanou a cabeça.

— Ray, o que é que estás a fazer?

Ele puxou-a para mais perto de si.

— Tu sabes o que estou a fazer.

Os dedos dele deslizaram-lhe pelos antebraços, pelos bíceps, pelos ombros, e as mãos embrenharam-se no seu cabelo. Bea ouviu-o a perguntar: «Posso fazer isto?» E não, não podia; não podia de todo. Ela sabia que não podia, mas sentiu a cabeça a acenar afirmativamente, como se um bonequeiro a movesse com um fio invisível, e, logo a seguir, Ray estava a beijá-la. Foi tão intenso, o corpo dele contra o dela, as mãos a puxarem-lhe o rosto para cada vez mais perto, os dentes a mordiscarem-lhe os lábios, e ela não conseguia respirar, e não queria saber, e, quando ele perguntou «Podemos ir para casa?», ela voltou a acenar. Desta vez, por vontade própria. Com intenção.

A viagem de regresso foi insuportável — as mãos dele nas coxas dela, o trânsito parado na 101. Quando, por fim, entraram em casa, Bea achou que nem sequer chegariam à cama. Ele atirou-a impetuosamente contra a parede e arrancou-lhe o vestido. Nunca ninguém a desejara tanto. Sentia-se tão confusa, enquanto se apercebia de tudo o que estava a acontecer — será que ele sempre quisera aquilo? Porque é que não acontecera antes, quando viviam perto um do outro, quando ele era solteiro, durante todos aqueles anos em que ela estivera tão apaixonada por ele?

Não importa, pensou. Ele está aqui, agora. Após tanto tempo, ele está aqui.

Quando Ray estava em cima dela, a beijá-la com suavidade, um sorriso iluminou o rosto de Bea.

— O que foi? — perguntou-lhe ele, sorrindo também.

— Nada. — O coração dela inchava, a alegria do momento de tal modo ampla que quase se tornava dolorosa. — Só estou mesmo, mesmo feliz.

— Também eu. — Ray voltou a beijá-la e Bea inspirou a sua confiança. — Bea, és tudo o que alguma vez desejei.



**TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 5 DE JULHO:
BEA SCHUMACHER E RAY MORETTI**

Ray [7:23]: Olá

Ray [7:23]: Estás acordada?

Ray [7:24]: Desculpa não te ter acordado antes de sair

Ray [7:26]: Estou no comboio. Devo chegar a San Diego por volta das 10, e depois tenho uma série de *brunches* e cenas com os pais da Sarah

Ray [7:27]: Mas ligo-te mais tarde?

Bea [13:31]: OK

8 DE JULHO

Bea [9:25]: Olá

Ray [9:28]: Oi

Bea [9:29]: Não chegaste a ligar

Bea [9:29]: Acho que devíamos falar

Ray [9:31]: Ah, pois

Ray [9:31]: Tenho andado muito atarefado

Ray [9:32]: Esta semana está a ser de loucos, depois falamos



**TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 8 DE JULHO:
BEA SCHUMACHER & MARIN MENDOZA**

Marin [9:33]: «Depois falamos»?!!?!?!?!?!?

Marin [9:33]: Não

Marin [9:34]: Não

Marin [9:34]: Desculpa

Marin [9:34]: Não

Marin [9:34]: Ele não te disse isso!!!!

Bea [9:36]: Sim... disse

Marin [9:36]: O que é que lhe respondeu?

Bea [9:37]: Nada. Não disse nada

Bea [9:37]: Não sabia o que dizer

Marin [9:38]: O que é que lhe queres dizer?

Bea [9:41]: Não sei... Olá, Ray, acho que nos amamos há quase uma década, embora houvesse sempre uma desculpa nova para teres de viver noutra cidade, estar com outra rapariga, e agora estás noivo, mas, quando dormimos juntos, senti que toda a minha vida se encaixava no devido lugar, como se talvez a minha história estivesse, finalmente, a chegar ao fim, ou a começar, ou algo assim, e depois partiste, como sempre fazes, porque és um covarde, mas eu amo-te mesmo assim. Quem me dera não te amar. Quem me dera que voltasses.

Marin [9:42]: Não me parece que lhe devas dizer isso.

Bea [9:43]: Odeio a minha vida

Marin [9:43]: Fica quieta. Vou ter contigo.



**RECIBO DE ENTREGA DE COMIDA:
CONTA-CLIENTE — BEATRICE SCHUMACHER**

ENTREGA PARA:

Beatrice Schumacher

1841 Avalon Way
Los Angeles, CA 90026

Refeições congeladas *Stouffer*: Macarrão com queijo
(25 unidades)
Água com gás *LaCroix* (sabor a toranja) (6 *packs*)
Doritos (sabor *Cooler Ranch*) (10 pacotes)
Doritos (sabor *Nacho Cheesier*) (10 pacotes)
Sanduíches de gelado *Skinny Cow* (sabor original)
(6 embalagens)
Manteiga de amendoim extra cremosa *Jif* (5 frascos)
Bolachas de água e sal (5 embalagens)
Cola *light* (12 *packs*)
Comprimidos para dormir *Z-quil* (2 caixas)
Papel higiênico *Cottonelle* (embalagem de 18 rolos)

NOTA:

Não tocar à campainha. Cliente abdica da exigência de assinatura. Deixar as compras à porta.



**TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 25 DE AGOSTO:
BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA**

Marin [14:28]: Olá, já saíste? A Sharon fez sangria branca de pê-sego e está MUITO BOA, tens mesmo de chamar um táxi, não tragas carro.

Bea [14:30]: Acho que sou capaz de ficar por casa... Tenho o trabalho tão atrasado.

Marin [14:31]: Bea, NÃO! Ontem também não foste à cena da Sneha, ela ficou furiosa!! Sempre foste sair a noite passada?

Bea [14:35]: Não consegui.

Marin [14:36]: OK

Marin [14:37]: Mas, querida, não o vais conseguir esquecer se não conheceres mais ninguém.

Bea [14:38]: Eu sei. Mas não estou preparada.

Marin [14:38]: Queria tanto que viesses a casa da Sharon. Adorávamos ver-te.



**TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 25 DE AGOSTO:
BEA SCHUMACHER E RAY MORETTI**

Bea [19:48]: Não vais mesmo responder aos meus e-mails?
A nenhum deles?

Bea [19:48]: Não estou a tentar arruinar a tua vida. Só quero falar.

Bea [19:49]: Odeio isto, Ray. Sinto a tua falta.



**MENSAGENS ESCOLHIDAS DA PASTA DE MENSAGENS
DO TINDER DE BEA SCHUMACHER**

Jim: Oi!!!!!!!!!!!!!!

Bea: Olá :)

Jim: DÁ-ME. ESSAS. CURVAS.

Bea: Eu... o quê?

Jim: DÁ-MAS, BEA, DÁ-ME ESSAS CURVAS

*****CORRESPONDÊNCIA ANULADA E UTILIZADOR BLOQUEADO*****

Todd: cm vai isso, B

Bea: nd especial, T. como estás tu?

Todd: posso passar por aí

Todd: morada?

Bea: não achas que talvez estejamos a saltar uns quantos passos?

Todd: quê

*

Bea: Olá, Alex! Adorei a foto de Paris. A minha cidade preferida. :)

Alex: Lamento, não me parece que isto vá funcionar.

Bea: Desculpa?

Alex: Tens de mostrar o corpo na tua foto de perfil. Só a cara é desonesto.

Kip: Olá, Bea. Como está a correr a tua semana?

Bea: Olá, Kip! Tem sido bastante normal, um bocadinho de trabalho, um bom passeio, agora que começa a parecer que o outono chegou.

Bea: (Oh, céus, sou a miúda aborrecida que fala sobre o tempo?! Suspiro.)

Bea: Como foi a tua semana?

Kip: Ah! Como residentes de Los Angeles, acho que somos legalmente obrigados a marcar a transição sazonal de acima dos 28 graus para acima dos 25 graus.

Kip: A minha semana não foi má. Queres encontrar-te para beber um copo?

Bea: Sim, pode ser. Quinta-feira?



PUBLICAÇÃO NO BLOGUE OMBEA.COM

7849 partilhas ↻ 22 378 gostos ♥

Olá, OMBealdades! Muito bem, tenho de ser sincera convosco: estou a sorrir nesta foto, mas não me estou a sentir muito bem neste momento. Saí com um tipo do *Tinder* esta noite — o meu primeiro encontro já há algum tempo, na verdade. Como podem ver, usei o meu famoso Uniforme do Primeiro Encontro: calças justas de ganga preta desbotada e um top justo com decote em V, da *Universal Standard*, que, milagrosamente, se adapta às curvas de *qualquer*

corpo, botins *Stuart Weitzman*, fabricados na tapeçaria floral tecnicolor das minhas fantasias, e uns brincos verdes berrantes que encontrei num mercado de rua em Barcelona, no verão passado. Uso este mesmíssimo conjunto em quase todos os meus primeiros encontros (futuros pretendentes, considerem-se avisados!), porque sinto que, quando estamos tensos e ansiosos por irmos conhecer alguém, ter um estilo a que possamos recorrer, que nos faça sentir confortáveis e confiantes, relaxados, mas sensuais, pode aliviar parte dos nervos.

E, minhas beldades, eu *estava* a sentir-me ótima esta noite — até ter entrado no bar que a pessoa com quem eu ia sair escolheu.

Normalmente, quando saio, seja com desconhecidos ou amigos, assumo o planeamento. Escolho o restaurante ou o bar para ter a certeza de que os assentos são confortáveis (a sério, será que podemos proibir para sempre as cabinas de bancos aparafusados ao chão?), chamo o táxi e pago a sobretaxa para que seja um sedã ou um SUV, para não me sentir apertada e claustrofóbica no banco de trás de uma berlina minúscula.

Porém, esta noite, o tipo com quem eu fui sair estava superentusiasmado com a ideia de experimentar um novo cocktail bar chique no nosso bairro: um covil apinhado, com pequenas mesas acolhedoras de pé alto para dois, dispersas pelo espaço estreito. Enquanto ali estive, senti-me como uma pária, a balbuciar «Perdão... Desculpe...» a todas as pessoas contra as quais chocava inevitavelmente, rezando para não provocar o derrame acidental de uma mera gota das suas bebidas, sentindo que, onde quer que estivesse, estava sempre no caminho de alguém.

Um primeiro encontro pode ser assustador para qualquer pessoa, mas, no meu caso, as minhas inseguranças naturais podem entrar numa espiral que faz eco de todas as coisas horríveis que a sociedade alguma vez deu a entender (ou declarou abertamente!) acerca da minha gordura. Embora o meu par para esta noite nunca tivesse dito ou feito algo que me fizesse sentir pouco atraente, estar naquele bar, rodeada de pessoas magras (ah, Los Angeles!), tornava perigosamente fácil deslizar para a omnipresente ideia de que eu seria muito mais feliz se fosse como elas. Como se o facto de conseguir encaixar

o meu corpo num daqueles bancos altos minúsculos pudesse levar a uma relação perfeita, que me fizesse sentir realizada, em vez de me obrigar a suportar aquele encontro até ao fim, desejando poder simplesmente desaparecer.

Sei, obviamente, que nada disto é verdade. Que não posso mudar o meu tipo de corpo (e nem sequer quero fazê-lo!), que as mulheres magras não são mais felizes do que eu, que estas inseguranças foram semeadas e cultivadas no meu cérebro pelo setor da perda de peso, que lucra com o ódio que sentimos por nós mesmas, arrecadando 70 mil milhões de dólares — apesar de 97 por cento das dietas falharem. (Um aparte: E se aplicássemos todo esse dinheiro na resolução de verdadeiros problemas de saúde? Será que poderíamos curar o cancro dos ovários, tipo, amanhã?) *Sei* todas estas coisas. Mas, por vezes — como esta noite —, simplesmente não as consigo sentir.

Muito bem, beldades, já chega de lamentos da minha parte — vou para a cama. Obrigada por me fazerem companhia. Vocês alegam até a noite mais desoladora. Mais, em breve.

Bjs,

Bea

Comentário de Sierra819: Lamento que o encontro tenha corrido mal, Bea!!! Mas estavas um espanto!!!!

Comentário de djgq23987359: tens sorte que alguém queira sair contigo vai ao médico antes que a diabetes te mate



TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 3 DE OUTUBRO: BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA

Marin [22:53]: Acabei de ver a tua publicação — estás bem??

Como era o Kip??

Bea [22:56]: Ei, estou ótima. Ele era ótimo. Foi tudo ótimo.

Marin [22:57]: A palavra «ótimo» nunca soou tão aterrorizante.

Marin [22:57]: Achas que o vais voltar a ver?

Bea [22:59]: Não, foi embaraçoso. Não tínhamos assunto.

Marin [23:00]: Poupa-me, eras capaz de conversar com uma caixa de cartão, se fosse preciso.

Bea [23:02]: Não sei. Senti um peso no peito, só queria sair dali o mais depressa possível. Talvez tenha sido demasiado cedo.

Marin [23:03]: Oh, lamento, querida. Queres que passe por aí?

Bea [23:04]: És um anjo, mas eu estou bem. Vou acabar com o *rosé* que tenho no frigorífico, ver alguns episódios antigos de *Brooklyn Nine-Nine* e dormir.

Marin [23:04]: Simmmmmmmmm, adoro esse plano!! Vê tanta Rosa Diaz quanto possível e torna-te lésbica para nunca mais teres de voltar a sair com homens!!

Bea [23:06]: É assim que ser *queer* funciona?

Marin [23:06]: Escuta, será que nasci lésbica, ou terá sido a Julia Stiles em *10 Coisas que Odeio em Ti* que me *tornou* lésbica? É literalmente impossível sabê-lo.

Marin [23:06]: Dorme um pouco e não fiques a pé até altas horas a escrever e-mails que jamais enviarás para tu sabes quem, OK?

Bea [23:08]: OK. Prometo.



E-MAIL NÃO ENVIADO DA PASTA DE RASCUNHOS DE BEA@OMBEA.COM

DE: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

PARA: [sem destinatário]

ASSUNTO: [sem assunto]

Querido Ray,

Não sei o que te dizer, mas sinto que tenho de te dizer alguma coisa.

Continuo a sentir a tua falta. Muito, embora já não seja todos os dias, a cada minuto. Não é assim, mas, sempre que me lembro,

nem que seja por uma fração de segundo, como foi bom, meu Deus, perco-me. Não é ridículo? Que após todos estes meses e anos a brincares comigo, a desapareceres da minha vida e a voltares quando te apraz, a fazeres tudo e mais alguma coisa para me deixares de cabeça perdida, continues a infestar a minha carne, o meu sangue, como se fosses uma corrente vital que me mantém unida. Odeio-te profundamente por isso — e odeio-me profundamente por fazer parte deste absurdo. Porque, vá, vá, sou alguma idiota? E sou assim tão patética que, quando um homem inteligente, elegante, me dá atenção, por muito mau que seja para mim, e por muito que eu saiba disso, me apaixone por ele, ainda assim?

Sinto-me como se fosses um fosso do qual eu não consigo emergir. Tentar subir e erguer o rosto para o céu em busca de um raio de luz é demasiado extenuante, e é bem mais fácil deixar que o fantasma dos teus braços me continue a puxar para o fundo, cada vez mais para o fundo. Se me permito recordar o teu sabor, a minha respiração torna-se entrecortada, o meu corpo agita-se. Se me permito pensar em ti dentro de mim, não consigo funcionar.

Não sei como te concedi este poder, e deixa-me absolutamente louca que o tenhas. E eu sei, bolas, sei que, provavelmente, isto só tem que ver comigo e com as minhas merdas, que tu não tens nada que ver com isso. És apenas um veículo qualquer que armazena a minha tristeza, a brilhar com a energia nuclear da minha solidão. Se te imagino a deixares-me, não me sinto livre: sinto-me solta, desatada, como se não fosse nada e não estivesse em lado nenhum.

Porém, se te imagino a abraçares-me, desmorono. Ray, estou a ficar sem formas de continuar a existir.

Isto soa tão louco. Eu sei que pareço louca. Não te vou enviar isto. Jamais poderia enviar-te isto. Mas, céus, Ray... não sentes a minha falta? Não desta confusão que eu sou agora, mas daquilo que era — até há pouco tempo, a tua melhor amiga.

Não sei onde estou, Ray. Não sei onde estamos.



ELA ESTÁ DETERMINADA A MUDAR A FORMA COMO O MUNDO A VÊ. E A NÃO SE APAIXONAR...


Bea Shumacher é uma conhecida *blogger* de moda XL com um estilo invejável, uma carreira bem-sucedida e uma queda por *reality shows*. Bea vibra com os episódios de *Mais-que-Tudo* — um êxito televisivo recheado de encontros de sonho, rejeições dramáticas e um pedido de casamento no final —, mas está farta de ver sempre a mesma representação de beleza convencional no programa.

Depois de publicar um artigo que se torna viral sobre os padrões de beleza irrealistas do *reality show*, Bea é surpreendida por um convite para ser a protagonista da nova temporada, com 25 homens a competir pela sua atenção. Bea aceita, mas com duas condições: os participantes devem ser o mais diversificados possível e ela não irá, de forma alguma, apaixonar-se a sério. Aquilo que pretende é impulsionar a carreira, desconstruir estereótipos e esquecer o homem que lhe partiu o coração.

Quando as filmagens começam, Bea tem dificuldade em identificar o que é real em todo aquele mundo glamoroso e em quem é que pode confiar. Com muitos dos seus desejos e inseguranças a virem à tona, terá de decidir que rumo dar à sua vida e perceber se estará finalmente preparada para encontrar o amor.

**FINALISTA DOS PRÉMIOS GOODREADS
MELHOR ROMANCE • MELHOR LIVRO DE ESTREIA**

UM DOS 100 LIVROS DO ANO PARA A REVISTA TIME

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora	ISBN 978-989-564-601-2  9 789895 646012 Ficção Romântica
--	--